

---

**Coluna****Fotografias  
da  
História**

---

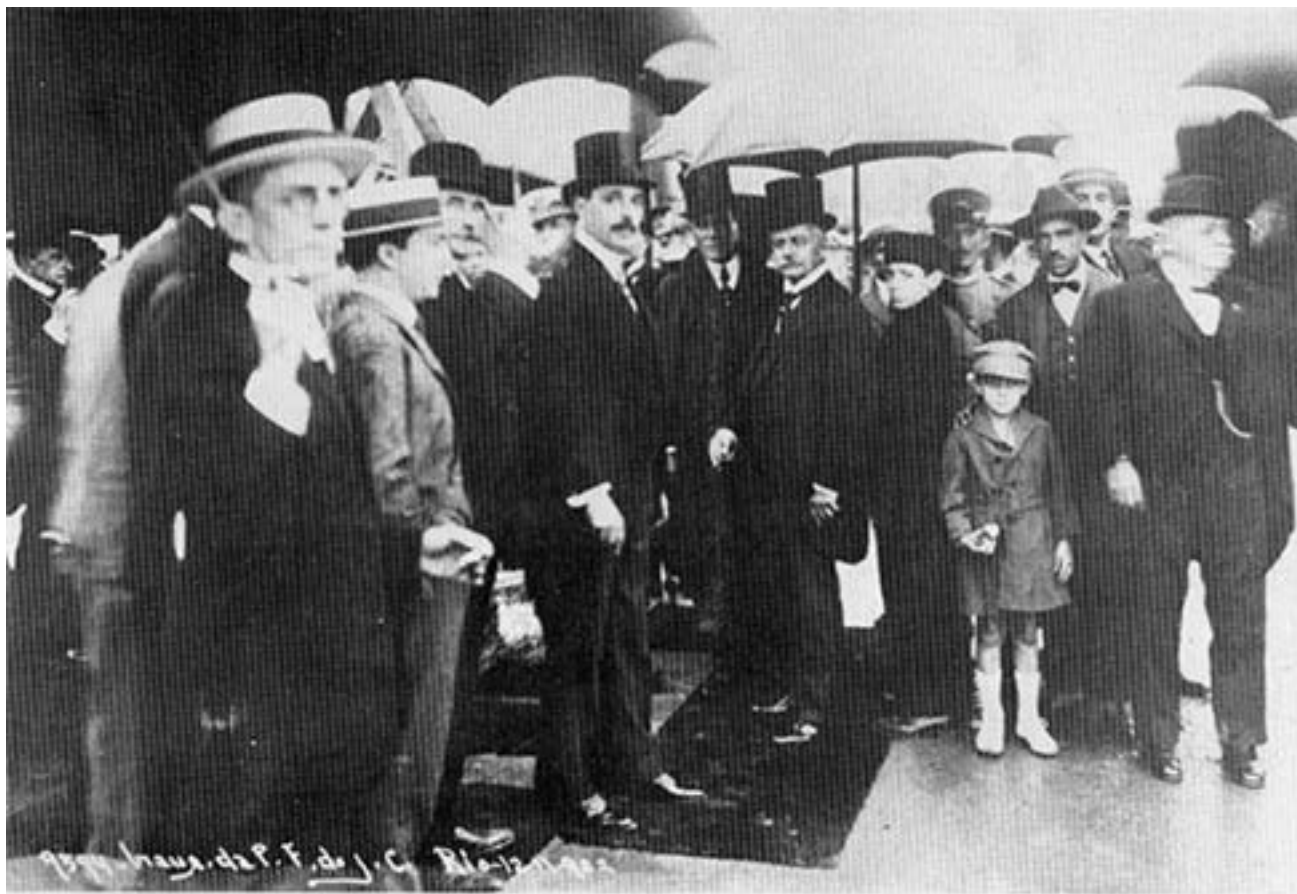
## **FOTÓGRAFO OFICIAL, AUGUSTO MALTA REGISTROU COMO SER UM CARIOCA MODERNO, ELEGANTE E “FRANCÊS” NA BELLE ÉPOQUE CARIOCA**

*Por Fernando Gralha*

**N**o início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, o mais importante era se livrar do aspecto provinciano, assumir uma mentalidade e aparência européias, trazer a civilização aos trópicos. Nesse projeto, a fotografia se tornou uma arma capaz de engendrar e refletir um novo pensamento do que se deveria ser, através dela buscou-se criar um espelho desta nova mentalidade, almejou-se mostrar as mudanças, o índice civilizatório europeu que possuíamos e aquele poderíamos obter. Nas imagens construídas pelo fotógrafo oficial da prefeitura, Augusto Malta (1864-1957), se encenava e se concebia uma aguda vontade

de assumir um futuro que estava logo ali ao nosso alcance.

Com o estabelecimento da República em 1889, o Brasil e sua capital encheram-se de esperanças e expectativas, gerando um clima de mudanças iminentes na cidade de São Sebastião. Para além das transformações no espaço físico, ambicionava-se reformular também a imagem dos habitantes da cidade, dando-lhes uma nova face, orientando condutas e implementando uma visão modernizante na cidade que, naquele momento era o “cartão-postal” do país. Tal imagem, imediatamente, estabelece uma relação com a fotografia. São



*Presidente Epitácio Pessoa na inauguração do Jockey Club do Rio de Janeiro- 1922*

*Foto acervo do Museu da Imagem e do Som/RJ*

precisamente as chapas de Augusto Malta, configurando uma mensagem, um verdadeiro discurso visual que, cruzado com o discurso de jornais e periódicos cariocas da época, nos brindam com uma visão dos modos de ser e agir da alta sociedade carioca na belle époque.

O alagoano Augusto César Malta de Campos chegou ao Rio de Janeiro por volta de 1889, e até 1902 exerceu vários ofícios (guarda municipal, vendedor ambulante, guarda-livros entre outros) antes de descobrir a fotografia ao trocar sua bicicleta por uma máquina fotográfica. Começou seu trabalho na prefeitura do então Distrito Federal em 1903, convidado pelo próprio prefeito Pereira Passos (1836-1913), para o recém criado cargo de fotógrafo documentarista. O fotógrafo, inicialmente, tinha por função registrar o processo de reur-

banização da cidade realizado pelo Prefeito. Mas ele extrapolou, durante seu expediente e fora dele, fotografou tudo, obras públicas, o dia-a-dia do prefeito, tipos humanos, festividades, cerimônias, enfim, registrou a vida da cidade e tornou-se o maior cronista visual da primeira metade do século XX.

O Rio de Janeiro mimetizava a belle époque parisiense, festejavam-se as atrizes francesas, a vida mundana das confeitarias e cafés e a elegância francesa comprada em lojas como a “Parc Royal”, templo da moda carioca. A cultura predominante era a da modernidade, eminentemente urbana, tornando a cidade um arquétipo de uma nova ordem mundial. Esse processo transformaria a Capital não só arquitetonicamente, mas também todo o modo de vida da população, a urbe converteu-se em um palco de disseminação dos no-

vos ideais de país, cidade e cidadão. Esta nova sociedade se re-inventou através de manifestações públicas; era essencial, por exemplo, ir ao cinema, mais do que ver o filme; andar de automóvel era mais relevante que o destino do trajeto, melhor dizendo, aparentar e representar era mais importante do que ser.

Malta e sua obra contribuíram no empenho de legitimar e naturalizar a aparência e comportamentos considerados fundamentais ao cidadão modelo, seus registros da elite carioca funcionavam como arquétipo de um exemplo a ser seguido, tornando a imagem pública ícone de um modo de vida vencedor, onde várias instâncias do cotidiano do carioca foram sendo ajustadas ao novo tipo de comportamento que visavam moldar o Rio de Janeiro às cidades européias.

Neste contexto, a recém inaugurada Ave-

nida Central aparece como principal índice simbólico da cidade naquele período. A mais famosa alameda da belle époque carioca irradiava através de suas fachadas de mármore, de suas vitrines de cristal cintilante, da moderna iluminação pública, de seus inéditos espaços abertos e do suntuoso vestuário dos transeuntes, a mais legítima ambiência moderna que o carioca poderia desejar.

As elites tinham fé que, aliadas às reformas urbanas, atendendo aos requisitos estéticos e de etiqueta da moda, elaborados e propagados através de textos e imagens, embarcariam na tão almejada modernidade. A estratégia de inserção na nova ordem passava pela absorção e utilização de símbolos carregados de sentidos de pertencimento a uma determinada classe social. Era necessário fazer desaparecer a cidade de ares coloniais, transformar o carioca real no carioca ideal e como



*Almoço oferecido a Pereira Passos - 1906  
Foto acervo do Museu da Imagem e do Som/RJ*



*Evento social na Quinta da Boa Vista – 1920  
Foto acervo do Museu da Imagem e do Som/RJ*

conseqüência, alcançar o futuro desejado: ser francês nos trópicos.

Malta fazia com imagens o que a coluna “Binóculo” e revistas como a “Fon-Fon” e a “Careta”, entre outras, faziam com as palavras, isto é, determinava os conceitos de elegância e de como se vestir “corretamente” na Capital. Conceitos seguidos fielmente pelos praticantes do “flanar com elegância” na Avenida Central. Sua obra configurou um conjunto de valores e práticas que o carioca idealizado deveria portar, marcou pontos e contrapontos bem delimitados que condicionavam e legitimavam o cidadão inserido no contexto da belle époque, onde não bastava ser moderno, era preciso aparentar modernidade.

No jogo das aparências a indumentária é item de relevância fundamental na construção de qualquer personagem, e a elaboração do carioca ideal não fugiu à regra, compor o vestuário fazia parte de um ritual que ultrapassava a premissa básica de cobrir o corpo para um modo de informar e legitimar uma determinada posição social. Era um jogo entre a condição financeira que possibilitava a aquisição do vestuário e o dito “bom gosto” para a montagem do enxoval que garantia o “flanar com elegância”. Este “bom gosto” nada tinha a ver com a lógica, por exemplo, do clima da cidade, ou de uma tendência da moda surgida os trópicos, muito ao contrário, a ideia era justamente negar essas e outras características da cidade e do país, era ir contra o atraso, a falta de higiene e as doenças (não



por acaso, as frentes atacadas pelo governo a partir da administração de Pereira Passos), era a experiência de vestir-se de beleza e modernidade, era adotar, mais precisamente, a aura e aparência da capital francesa.

A série de fotos da Avenida Central apresenta um cenário em que esta elite respirava a tão ansiada atmosfera cosmopolita. As monumentais reformas arquitetônicas implementadas na Capital Federal, sem dúvida, elevaram a cidade a outro patamar de beleza e modernidade, estas qualidades transcenderam a si mesmas e impregnaram os freqüentadores dos novos espaços. As fotografias mostram “cariocas novos”, que assumem a cena a partir de determinadas regras de estilo, beleza e elegância, são grupos favorecidos que não delongaram em tomar a recém-inaugurada

Avenida como passarela para o desfile dessa nova sociedade. Nessa conjuntura, adquiriu ainda mais importância o culto da aparência exterior, que qualificava previamente cada indivíduo.

O consumo dos produtos expostos nas vitrines da Avenida, via de regra franceses, qualificavam, aparelhavam e animavam o ostensivo desfile da nova sociedade. Aliados a esta prática elegante, estavam o gestual, as roupas e os modos adequados dos consumidores, fechando um círculo de relações entre o consumo em si e a circulação que exigia esse consumo, ou seja, o “desfile” para se chegar às lojas e a aquisição dos produtos desta se auto justificavam.

Uma verdadeira febre de consumo tomou



*Quarteto de senhoritas e outros transeuntes em pleno exercício do flunar com elegância pelo centro da cidade.*

*Foto acervo do Museu da Imagem e do Som/RJ*



**Augusto Malta o fotógrafo oficial da cidade.**  
Foto acervo do Museu da Imagem e do Som/RJ

conta da cidade, toda ela voltada para a “novidade”, para os artigos de “última moda”, casas de comércio como a Parc Royal e a Casa Colombo garantiam em seus anúncios “tudo que se faz mister para que elas (as mulheres) possam, de plena conformidade com a sua conveniência, cumprir os decretos imperativos da moda”.

Definitivamente o Rio de Janeiro virou outro depois da Avenida Central, a via tornou-se um pedaço marcante, definidor de uma Metrópole que buscava ser mais um “pedaço” da Europa. As imagens saídas da câmera de Malta não apenas registram, mas também universalizam modos de vestir, de olhar e enxergar, de valorizar e desvalorizar, mostram uma alta sociedade cuja aparência e acesso às

mercadorias da alta moda européia, dependia menos do gosto e praticidade do que de um padrão estético importado, dada a preocupação em se distinguir e se distanciar dos menos afortunados e despossuídos, de se assemelhar a um ideal desenhado nos trópicos mas pintado com tintas europeias.

Sob prisma adotado aqui, Malta apresenta quase um discurso civilizador, uma orientação de conduta de como o carioca deveria ser, mas com certeza apresenta um carioca e uma cidade apenas imaginados. Pois, se ampliarmos o olhar, o nosso e o de Malta, encontraremos não apenas o carioca ideal, mas o carioca real, que é o que está na obra de Malta em sua totalidade. É ao mesmo tempo o freqüentador dos cafés chiques assim como o dos botequins, é o carioca moderno da Avenida Rio Branco e o “favelado” da Gamboa. Portanto, na volumosa obra de Malta, distribuída em vários arquivos e museus da cidade, ainda cabem vários olhares buscando os vários cariocas da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

**Fernando Gralha** é Mestre em História pela UFJF e autor da dissertação “Imagens da modernidade na obra de Augusto Malta – 1900/1920” (UFJF- 2008).

#### **Para saber mais:**

BENCHIMOL, Jaime L. **Pereira Passos: um Hausmann tropical.** Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, prefeitura do Rio de Janeiro, 1990.

CAMPOS, Fernando F. **Um fotógrafo, uma cidade: Augusto Malta.** RJ, 1987.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930).** Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

KOK, Glória. **Rio de Janeiro na época da Av. Central.** São Paulo: Bei. Comunicação, 2005.

<http://portalaugustomalta.rio.rj.gov.br/>